

A crise da Parmalat e a fragilidade do setor

Desde que foi deflagrada a crise mundial da Parmalat, uma das maiores preocupações do setor e do governo recaía sobre os rumos que o mercado tomaria com a quebra da multinacional. Passados dois meses, o quadro mais desfavorável não se configurou. O vácuo dei-

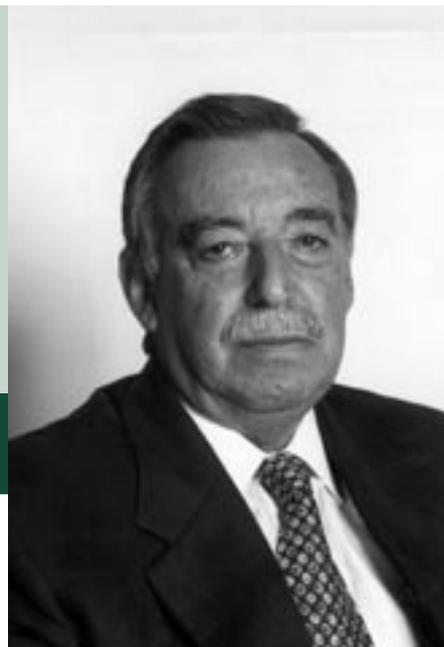
xado pela multinacional italiana acabou sendo ocupado por outras empresas e, em meados de janeiro, os preços apontavam para a estabilidade. A crise da Parmalat acabou, no entanto, expondo a fragilidade do setor lácteo no Brasil. A interrupção da compra de matéria-pri-

ma por parte da empresa comprometeu o fluxo financeiro e a rentabilidade de centenas de produtores. Segundo o diretor-executivo da Láctea Brasil, Roberto Jank, 50% do leite formal produzido em território nacional está nas mãos de 12 empresas. (pág. 3)

Supermercados definem o preço

Para o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Leite Brasil), Jorge Rubez, os preços do leite no Brasil são definidos pelas grandes redes de supermercados. "O advento do leite longa-vida, que hoje representa 70% do consumo de leite fluido, fez com que o ponto-de-venda migrasse das panificadoras para os supermercados" explica. Segundo Rubez, de outubro a janeiro o preço pago ao produtor caiu 8%, mas os supermercados lucraram 18%. (Págs. 4 e 5)

Rubez: O preço do leite é estipulado de cima para baixo



Rastreabilidade será tema de seminário

"Rastreabilidade bovina: tudo que você gostaria de saber mas não sabe para quem perguntar" é o tema do seminário a ser realizado dia 26 de abril, na sede da ABC. O evento contará com a participação de autoridades e de especialistas dos diferentes setores envolvidos no processo de identificação e certificação bovina no Brasil e coincidirá com a adoção de novas medidas para a rastreabilidade e com os novos prazos para registro de animais no Sisbov.

Agronegócio brasileiro é destaque na Newsweek (Pág. 6)

ABC quer que frigoríficos sigam números do Sisbov (Pág. 7)



Associação Brasileira de Criadores

Av. José César de Oliveira, 181
11º andar - Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo-SP
Fone: (11) 3832.9369
Fax: (11) 3831.2731
E-mail: abc@abccriadores.com.br
www.abccriadores.com.br

Diretoria

Presidente: Luis Alberto Moreira Ferreira
Vice-Presidentes: Rubens Malta de Souza Campos Filho, Ney Soares Piegas, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Isabel Sampaio Moreira Piegas, Eduardo Dias Roxo Nobre
Secretários: Jair Martinelli, Eugênio Salgueiro Gomes
Tesoureiros: Rubens Malta de Souza Campos Filho, Ney Soares Piegas

Conselho Deliberativo

Presidente: José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Vice-presidente: Carlos Eduardo Duprat
Conselheiros Natos: Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, Guilherme Monteiro Junqueira, José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Conselheiros Efetivos: Nelson Luiz Baeta Neves, Luis Alberto Moreira Ferreira, Rubens Malta de Souza Campos Filho, Eduardo Dias Roxo Nobre, Isabel Sampaio Moreira Piegas, Sívio Maria Crespi, Carlos Eduardo Duprat, Edgardo Héctor Pérez, Jair Martinelli, Virgílio de Almeida Pena
Conselheiros Suplentes: Ney Soares Piegas, José Calli, Henrique de Souza Dias, Cesário Ramalho da Silva, Lincoln dos Santos Correia, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Eugênio Salgueiro Gomes, José Amauri Dimarzio, Antonio João de Camargo Júnior, Milton Saad, José Matheus Granado

Conselho Fiscal

Efetivos: Edgardo Héctor Pérez, Licínio dos Santos Silva Filho
Suplentes: Maria Eugênia da Silva Telles, Milton Saad, Theodoro Quartim Barbosa Netto

Associação Brasileira de Criadores (ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos), reconhecida como utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958. Registrada no Ministério da Agricultura sob nº35, como jurisdição nacional.

EDITORIAL

Salvemos a Parmalat! E os produtores?

Luis Alberto Moreira Ferreira
Presidente da Diretoria Executiva

A crise da Parmalat desencadeou uma justificada preocupação nos meios governamentais, pecuários e financeiros, de modo a se evitar o desaparecimento da filial brasileira da multinacional italiana. Afinal, a empresa ocupa respeitável fatia no mercado de lácteos, abriga funcionários em várias regiões do país e ampara a produção de incontáveis pequenos produtores de leite. De fato, será bem-vinda uma solução, desde que resguardados os direitos de todos os envolvidos.

Mas não é na salvação da Parmalat, contudo, que se concentra nossa maior preocupação neste momento. Já há várias forças empenhadas nessa tarefa.

Nossa preocupação, coerente com

a história e com os objetivos da ABC, se refere à situação dos produtores de leite deste país. Não vamos aqui nos estender nas causas e argumentos a respeito da árdua luta diária dos produtores de leite para colocar na mesa de todos os brasileiros um gênero alimentício de primeira necessidade, principalmente para crianças. Disso, todos sabemos. O que precisamos saber é que medidas serão tomadas para que o produtor de leite tenha seu trabalho reconhecido e sua produção remunerada com justiça. Esse é o ponto. A Parmalat pode até fechar as portas amanhã e, assim, fazer parte do passado; enquanto isso os produtores de leite continuarão sua luta, garantindo o presente e o futuro de nossas gerações. Isso precisa ser reconhecido.

Atividades da Diretoria

Incremento ao leite

No dia 10 de fevereiro, representada pelo assessor técnico Angelo Stefani Junior, a diretoria da ABC participou de reunião da Láctea Brasil, em São Paulo, em que foram apresentadas e discutidas propostas para incremento do consumo de leite. Uma delas se refere a uma campanha conjunta entre a Láctea Brasil e o Sindicato da Indústria de Panificação de São Paulo, a ser divulgada nas padarias. Outra campanha será realizada em conjunto com a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e visará levar à população, por meio de panfletos educativos, cartazes e out-doors, informações sobre a importância do leite para a saúde humana.

Câmara Setorial

A ABC participou, em 17 de fevereiro, da reunião da Câmara Setorial do Leite e Derivados, órgão da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Um dos assuntos foi o projeto de lei do deputado Sandro Mabel, de Goiás, para obrigar a inserção da frase "Contém lactose" nas embalagens de todos os produtos derivados do leite não fermentado ou com fermentação parcial. A Câmara manifestou-se contrária à proposta, uma vez que o deputado argumenta que há muitas pessoas alérgicas à lactose, quando na verdade, na maioria dos casos, trata-se apenas de uma intolerância à substância.

A discussão de métodos para avaliação da presença de soro no leite e a crise da Parmalat também estiveram na pauta.

Entrevista à Globo Rural

O presidente da ABC concedeu entrevista, em 18 de fevereiro, ao repórter Luis Roberto Toledo, da revista Globo Rural. Luis Alberto Moreira Ferreira falou sobre as implicações econômicas e sanitárias para o Brasil da doença da vaca louca verificada em um animal no estado de Washington, nos EUA, em dezembro último.

acadêmica

O Jornal dos Criadores é editado pela Acadêmica Agência de Comunicação.

(11) 5549-1863

Edição: José Roberto Ferreira
Projeto Gráfico: A. C. Prado



FALE COM A ABC

Fone: (11) 3832-9369 Fax: (11) 3831-2731
abc@abccriadores.com.br www.abccriadores.com.br
Av. José César de Oliveira, 181, 11º andar 05317-000 São Paulo, SP

Crise da Parmalat expõe a fragilidade do setor leiteiro

Desde que foi deflagrada a crise mundial da Parmalat, uma das maiores preocupações do setor e do governo recaía sobre os rumos que o mercado tomaria com a quebra da multinacional. Segundo estimativas da Associação Brasileira dos Produtores de Leite – Leite Brasil, em 2003 a Parmalat foi a segunda maior compradora de leite do País, com uma captação da ordem de dois milhões de litros por dia. E sua saída poderia significar o caos no setor, gerando uma queda acentuada nos preços devido ao excedente de matéria-prima. Passados dois meses, o quadro mais desfavorável não se configurou. O vácuo deixado pela Parmalat acabou sendo ocupado por outras empresas e, em meados de janeiro, os preços apontavam para a estabilidade.

A crise da Parmalat acabou, no entanto, expondo a fragilidade do setor lácteo no Brasil. A interrupção da compra de matéria-prima por parte da empresa comprometeu o fluxo financeiro e a rentabilidade de centenas de produtores. Isso evidenciou o alto grau de concentração das empresas que captam leite no País – fator que, segundo alguns especialistas, também seria

responsável pela baixa remuneração ao produtor, que estaria em posição de desvantagem na negociação com a indústria láctea, em sua maioria de grande porte.

Segundo o diretor-executivo da Látcea Brasil, Roberto Jank, 50% do leite formal produzido em território nacional está nas mãos de 12 empresas. Em 2003, o Brasil produziu cerca de 22 bilhões de litros de leite, sendo que o leite formal representa 67% deste volume. E as cooperativas, que poderiam ter um papel regulador, perderam muito do seu poder. Há dez anos, detinham 80% do mercado; hoje detêm, somente 40%.

Problemas crônicos – A crise da Parmalat também pegou a pecuária no auge da safra, quando há sobra de matéria-prima e o preço tende a cair. As especulações de que sobraria muito leite no mercado fizeram seu preço bater no fundo do poço. O governo acabou liberando R\$ 300 mi-

lhões de Empréstimos do Governo Federal (EGF) para retirar eventuais excedentes de leite do mercado, equilibrando assim a oferta e a demanda.

A retração no consumo também contribuiu para manter os preços em baixa. Estima-se que em 2003 o brasileiro consumiu 127,8 litros, três a menos do que no ano anterior. Com menor poder aquisitivo, o consumidor também passou a comprar menos derivados do leite, como iogurte, queijo e requeijão, que agregam valor à matéria-prima. O preço do leite – em valores reais – vem caindo, em média, 3% ao ano, o que desestimula a produção. Para piorar, os preços pagos pelas indústrias aos pecuaristas continuam inferiores ao aumento da ração e do adubo – que representam 45% do custo da produção.



O valor pago ao produtor de leite vem caindo, e os custos de produção, aumentando.

Grandes produtores estão deixando a pecuária leiteira

É crescente o número de produtores que estão deixando a atividade. Estimativas da Leite Brasil apontam que somente cerca de 800 mil produtores de leite, em todo o Brasil, atuam comercialmente. Muitos estão pagando para continuar produzindo, especialmente os grandes produtores que investem em tecnologia. É o caso do pecuarista Manoel José de Alcântara, que em 2003 produziu cerca de 970 mil litros de leite tipo B em sua fazenda no Vale do Paraíba. Cada litro de leite para Alcântara custou R\$ 0,54, mas foi vendido por R\$ 0,51. O prejuízo acabou sendo compensado com a venda de vacas. “Só não liquidei meu

plantel por que penso no problema social que criaria demitindo meus empregados”, lamenta ele que está na pecuária há 60 anos e pela primeira vez não consegue vislumbrar um caminho para sair da crise atual.

Na verdade, o setor lácteo enfrenta dificuldades desde 1991, quando o Brasil entrou na economia globalizada. Os preços, até então tabelados e controlados pelo governo, foram liberados. Exposto à lei do mercado, inclusive com a concorrência de produtos importados, o setor teve de passar a administrar custos e aumentar a escala para se viabilizar. O leite longa-vida permitiu a criação de bacias

distantes dos centros consumidores, mas, por outro lado, também agravou o problema da sazonalidade.

Apesar de todos os problemas enfrentados pela cadeia produtiva, em 2003 a produção brasileira cresceu 3,4%, segundo estimativas da Leite Brasil. Novas fronteiras estão se abrindo em Goiás, Mato Grosso e Rondônia, onde a produção foi barateada devido à abundância de alimento para o gado. O Brasil também caminha para assumir no médio prazo uma posição exportadora, o que ajudará a escoar o excedente e regular os preços no mercado interno.

O poder dos supermercados

Nem os produtores, nem as cooperativas, nem as indústrias. “Quem determina o preço do leite no Brasil são as grandes redes de supermercados”. A afirmação é do pecuarista Jorge Rubez, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite, a Leite Brasil, entidade que ao congrega dez mil associados sentiu como poucas os abalos provocados pela crise da multinacional italiana Parmalat. “O preço [do leite] é estipulado de cima para baixo, até chegar no produtor, que acaba sendo massacrado”, completa.

Para Rubez, a solução dos problemas da cadeia láctea está na comprovação de que os supermercados lucram abusivamente, o que obrigaria o Governo Federal a intervir.

Jornal dos Criadores – A crise da Parmalat trouxe à tona os problemas crônicos da cadeia produtiva no Brasil, como a concentração das indústrias na captação do leite. Na sua opinião, a quebra da Parmalat tende a aumentar esta concentração?

Rubez – Acredito que haverá uma redistribuição do mercado. Algumas poderão pegar mais, outras menos, mas é impossível uma delas abocanhar todo o mercado deixado pela Parmalat. É uma questão geográfica. Muitas vezes não interessa para empresas, como Nestlé, Danone, CCL e Itambé, captarem leite no Rio Grande do Sul, por exemplo.

A concentração do setor também é apontada como responsável pelos preços baixos pagos ao produtor primário. O senhor concorda com isso?

Hoje, quem determina o preço do leite no Brasil são as grandes redes de supermercados. O preço é estipulado de cima para baixo, até chegar no produtor, que acaba sendo massacrado. O advento do leite longa-vida, que hoje representa 70% do consumo de leite fluido, fez com que o ponto-de-venda migrasse das panificadoras para os supermercados. Esta mudança de hábito aca-

bou fortalecendo os supermercados. Se você pegar de outubro a janeiro, o preço do produtor caiu 8%, mas o supermercado lucrou 18%.

E como resolver este problema?

Só existe uma solução. A Câmara Setorial tem de fazer uma planilha de custos para provar que os supermercados estão lucrando abusivamente. Aí, o governo terá de intervir. A proposta de se resolver este problema no âmbito das câmaras setoriais surgiu de uma CPI, que indicou que os supermercados chegavam a lucrar até 30%. Eu já sugeri a elaboração desta planilha tanto na câmara estadual como na federal, e vou continuar insistindo até que a proposta seja aceita.

Como se não bastassem os problemas internos, o Brasil ainda tem de enfrentar as más práticas comerciais lá fora...

É verdade, mas estamos vencendo algumas batalhas. Acabamos de receber a boa notícia de que a Secretaria do Comércio Exterior aceitou o



Rubez: “A história da pecuária no mundo mostra que a tendência é os pequenos desaparecerem”.

pedido de abertura de investigação. Ao aceitar o pedido, é concedido um prazo para que se faça um novo acordo até que a investigação chegue a um resultado, o que geralmente demora um ano. Se não houver acordo, prevalece o anterior. O mais certo é que o acordo anterior seja renovado, ou seja, leite em pó por menos de US\$ 1,7 mil a tonelada não entra no Brasil. Há meses estávamos lutando para conseguir que as autoridades competentes nos dessem razão. Se o pedido não fosse aceito, voltaria tudo à estaca zero, pois o acordo antigo venceria em fevereiro. O caso era tão sério que havia até triangulação. O leite em pó era comprado de países com subsídio, entrava na Argentina e Uruguai onde mudava de embalagem, e era exportado para cá.

O ministro Roberto Rodrigues sugeriu o fatiamento dos ativos da Parmalat entre as cooperativas, com recursos do BNDES. O senhor acha que esta é uma boa solução?

Acho difícil isto se concretizar por que há uma pendência jurídica complexa. Quem é o dono da Parmalat hoje? E quem vai pagar os credores? Vamos admitir, por hipótese, que o governo desapropriar a Parmalat. Será que ele tem meios para fazer isso? E como ele vai pagar os credores da empresa? Acho que a melhor solução é as cooperativas assumirem a captação de leite da Parmalat, embora o mercado já tenha se regularizado. São poucos os que ainda estão fornecendo para a Parmalat, que deve estar captando cerca de 300 mil litros por dia depois da crise. Nas regiões do Estado de São Paulo onde Parmalat atuava, empresas como Nestlé, Nilza e CCL estão comprando leite de quem fornecia para a multinacional. O que está acontecendo é que todo mundo está atrás de leite agora.

A baixa remuneração do produtor está fazendo com que muitos pecuaristas abandonem a atividade. Em contrapartida, a produção brasileira de leite cresceu no ano passado. Como se explica isso?

O grande produtor, que tradicionalmente investe em tecnologia, é o que está tendo mais prejuízo e se voltando para outras atividades. Ele está em melhores terras e pode explorar outras atividades, sem precisar abandonar a terra. No Estado de São Paulo, o leite está perdendo para a cana e a laranja. No Triângulo Mineiro, é o milho que domina. A maioria dos pequenos e médios produtores fica na atividade por que não tem outra alternativa. E como está havendo um aumento de produção? Por que o pequeno e médio estão indo para a informalidade, que é a salvação deles.

Isso não contraria a tendência mundial de concentração de grandes produtores?

Sim. A história da pecuária no mundo mostra que a tendência é os pequenos desaparecerem. Hoje o leite é pago por quantidade e qualidade. Por isso, a maioria das empresas prefere os grandes produtores. Acredito que essa é uma fase momentânea. Nós

sofremos vários impactos desde o governo Collor. A quebra do tabelamento causou um prejuízo enorme. O fim do programa social de distribuição de leite, criado pelo governo Sarney e que consumia 30% da produção nacional, foi outro impacto drástico na produção. Some-se a isso a mudança no comportamento do varejo, que fortaleceu os supermercados. Por isso, o aumento da produção do pequeno pecuarista diverge do que ocorre em outros países. Mas uma hora isso vai mudar.

Quando?

Quando existir um canal de exportação melhor do que temos hoje. Outro fator será o crescimento da economia. O consumidor terá um poder de compra maior, o que estimulará a produção. Isso exigirá produtores de alta escala.

O Brasil conseguiu aumentar as exportações e diminuir as importações. O que falta para o País se consolidar como um grande exportador?

Na maioria dos casos, importamos produtos que não são fabricados aqui. O Brasil, por exemplo, não consegue produzir soro com baixa acidez, que é utilizado pela indústria na elaboração de chocolates, bolachas, sorvetes. Se não exportamos mais é porque não há produto. Temos que investir em tecnologia para ganharmos mercado e consolidar a implantação da Instrução Normativa 51, que regula a qualidade do leite.

E as barreiras protecionistas?

São muitas. É praticamente impossível exportar para os Estados Unidos. Até a Argentina consegue impedir que nosso produto chegue lá. Isso chega a ser cômico por que lá tem aftosa e aqui não. Além disso, o mercado é muito competitivo. Diferentemente de outras *commodities*, como a soja, o frango e o boi, o mundo inteiro produz leite. A Nova Zelândia e Austrália, por exemplo, exportam 90% do leite que produzem. A União Européia, que é o maior produtor do mundo, detém vários mercados. São

países que têm *know how*. Mas não é só isso. O órgão que cuida das relações comerciais na Nova Zelândia, por exemplo, tem escritórios em vários países, é atuante e faz uma intensa propaganda do leite.

As cooperativas podem voltar a ter um papel importante na regulação do mercado?

O Brasil já teve doze centrais de cooperativas, que eram responsáveis por 80% da captação. O setor cooperativado dominava. Na época da inflação, as cooperativas vendiam à vista para as panificadoras e aplicavam no mercado financeiro. Ganhavam mais dinheiro no financeiro que no comércio. A inflação acabou e a maioria faliu. Sobraram a CCL, a Itambé e a Leite Nilza. Além disso, as cooperativas não ficaram atentas às mudanças de hábito de consumo quando o longa-vida passou a predominar no mercado. Hoje o setor capta 40%. Ainda é um volume

significativo, mas nos Estados Unidos, as cooperativas captam 80%. Na Nova Zelândia, cerca de 90%. Se as cooperativas do Brasil tivessem 80%, 90% do leite nas mãos, com parque industrial próprio, teriam muito maior poder de barganha.

Nos países onde as cooperativas dominam houve um processo intenso de fusões. O senhor acha que está aí o caminho para as cooperativas voltarem a se fortalecer também no Brasil?

Acho pouco provável. Na Nova Zelândia, o processo de fusão só foi possível por que lá não tinha nenhuma indústria. Se você faz isso aqui, o produtor que se sentir mal remunerado apela para a indústria. Além disso, o processo de fusão esbarraria em questões políticas. Ninguém quer perder cargos, demitir, perder o poder. Na Nova Zelândia deu certo por que a necessidade surgiu de baixo para cima, a partir dos produtores. Acho que no Brasil daria mais certo uma fusão das cooperativas em termos comerciais, o que preservaria a estrutura de cada uma delas.

“O grande produtor é o que está tendo mais prejuízo”

Agronegócio brasileiro é destaque na Newsweek

A forte profissionalização e o enorme potencial de crescimento da agropecuária brasileira têm despertado grande interesse nos países desenvolvidos. A influente revista norte-americana “Newsweek”, por exemplo, destacou em sua edição de 22 de fevereiro as proezas do agronegócio nacional sob o título “O verdadeiro boom do Brasil: os fazendeiros do país agora alimentam o mundo”.

Numa ampla reportagem, o jornalista Mac Margolis diz que “a revolução agrícola do titã do agronegócio” está apenas no estágio inicial, descreve a ocupação do Centro-Oeste e destaca a liderança do Brasil nas exportações mundiais de carne bovina, frango e de produtos do complexo soja. No início de fevereiro, o Prêmio Nobel da Paz de 1970, Norman Bourlag, havia dito, durante encontro com o ministro Roberto Rodrigues, que o Brasil será em pouco tempo o maior exportador mundial de alimentos (*veja na página ao lado*).

O repórter norte-americano esteve em Lucas do Rio Verde, na região Médio Norte do Mato Grosso, e viu o intenso progresso gerado a partir do campo. Segundo a revista, a cidade “que emergiu do pó há 25 anos” virou um dos mais importantes pólos de produção de milho, soja e algodão do Brasil. “A fronteira é dotada de enormes silos, colheitadeiras computadorizadas, lavouras do tamanho de uma cidade, além de agrônomos inteligentes, moderna tecnologia e as mãos calejadas de pioneiros”.

A revista constata a “supersafra” de 123 milhões de toneladas, o dobro de uma década atrás, e afirma que enquanto o desemprego nacio-

nal bateu em 8% no ano passado, o setor rural respondeu com um crescimento de 6,5% no país e de 10% em fronteiras agrícolas como Mato Grosso, Tocantins e Goiás.

A “Newsweek” surpreende-se com o nível de agroindustrialização do país e diz que alguns analistas prevêem que o Brasil pode se tornar o primeiro exportador mundial de alimentos do mundo no médio prazo. Hoje, o país ocuparia o quarto lugar, com 3,9% de participação no ranking dos maiores exportadores, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Estaria atrás apenas dos Estados Unidos e União Européia, mas bem próximo do Canadá, que detém uma fatia de 4,2% do mercado.

O texto descreve a estratégia do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de transformar a liberalização do comércio agrícola num objetivo-chave de sua administração e cita a abertura de processos para contestar os pesados subsídios dos EUA ao algodão e da União Européia ao açúcar. “Não por acaso, dois dos mais próximos conselheiros de Lula são os ministros da Agricultura, Roberto Rodrigues, ele próprio um fazendeiro, e do Desenvolvimento e Comércio, Luiz Furlan, dono de um dos maiores frigoríficos do continente, a Sadia”. A revista ressalta ainda o importante papel desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para a adaptação de cultivares ao clima e à temperatura dos Cerrados, além de destacar as pesquisas que possibilitaram o plantio de duas safras num único ano, algo inédito em outras partes do mundo.



A revista norte americana destaca que em 2002 o Brasil superou os Estados Unidos como maior exportador de produtos do complexo soja.

ABC quer que frigoríficos sigam números do Sisbov

Diretoria tem novo assessor técnico

Como vem ocorrendo desde a criação do Sistema Brasileiro de Identificação de Origem Bovina e Bubalina – Sisbov, em janeiro de 2002, a ABC mais uma vez está contribuindo com o aperfeiçoamento da rastreabilidade no Brasil. Em fevereiro último, atendendo solicitação da Secretaria de Defesa Agropecuária



Luis Alberto: rigor na rastreabilidade

(SDA), órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a ABC encaminhou sugestões para a nova Instrução Normativa que visará disciplinar a operacionalização do processo de identificação e certificação dos animais.

A minuta proposta pela SDA está organizada em nove capítulos, enfocando temas como procedimentos para cadastramento de produtores rurais, inclusão, identificação e trânsito dos animais, condições para abate e auditoria do sistema.

A ABC sugeriu a inclusão de mais dois capítulos. Um deles, fundamental para confirmação da

rastreabilidade, é que os frigoríficos adotem a mesma numeração do Sisbov para a identificação das peças grandes e dos cortes sem osso que terão como destino o consumidor final. “Conforme afirmação do próprio representante dos frigoríficos, em reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina, eles estão desconsiderando a numeração do Sisbov logo depois do abate e adotando outra numeração”, afirma Luis Alberto Moreira Ferreira, presidente da ABC. “Mesmo que exista relação entre uma numeração e outra, isso descaracteriza a rastreabilidade”.

O outro capítulo proposto pela ABC se refere ao estabelecimento de prazos para a baixa dos animais no Sisbov: os frigoríficos teriam até 48 horas para informar os animais abatidos e as certificadoras, até 60 dias para providenciar a baixa de animais mortos ou abatidos nas propriedades.

O engenheiro agrônomo Angelo Stefani Júnior é o novo assessor técnico da diretoria executiva da ABC. Ele foi selecionado, em um conjunto de candidatos ao cargo, em razão de sua qualificação profissional: formado pela Faculdade de Ciências Agrônomicas da Unesp, campus de Botucatu, e com breve passagem pela empresa editora da revista DBO, Angelo tem experiência compatível com as exigências da ABC. Além de assessorar a diretoria em diversos assuntos, ele é o responsável pela organização dos eventos promovidos pela ABC e estará à disposição dos associados. Angelo substituiu o assessor anterior, que foi desligado da associação em novembro último.



Angelo é também responsável pela seção “Negócios” do Jornal dos Criadores

Nobel da Paz defende produção de alimentos transgênicos

O ganhador do prêmio Nobel da Paz em 1970, Norman Bourlag, em visita ao Brasil no mês passado, defendeu a produção de alimentos a partir de organismos geneticamente modificados como forma de aumentar a produtividade na agricultura e reduzir o uso de herbicidas. “Quem é contra produtos transgênicos usa argumentos cegos e coloca o sentimento à frente da razão e da lógica”, enfatizou o agrônomo de 88 anos que veio ao Brasil para conhecer o plantio de grãos nas regiões de cerrado. “Não há evidências de que os transgênicos causem danos em animais e humanos”, afirmou Bourlag ao lembrar que em todo o mundo 67

milhões de hectares já são cultivados com sementes transgênicas.

Norman Bourlag tornou-se mundialmente conhecido como o “Pai da Revolução Verde”, ao defender, nos anos 1960, o melhoramento de sementes e a utilização de fertilizantes e defensivos como forma de a agricultura produzir em larga escala e assim atender à demanda de alimentos em nível mundial. A Revolução Verde foi o evento responsável pelo aumento da produção de cereais em diversos países em desenvolvimento, principalmente na Ásia, na década de 1960. Como agora, em praticamente todo o mundo – exceção do Brasil e da África

Subsaariana –, as áreas para produção de alimentos estão totalmente utilizadas, na opinião de Bourlag caberá à transgenia o papel de fazer aumentar a produtividade na agricultura.

Essa foi a segunda visita de Bourlag ao Brasil. O roteiro incluiu visitas a lavouras que utilizam o sistema de plantio direto na palha, responsável pela melhoria do desempenho da agricultura em regiões de solos pobres e mal aproveitados, como o Cerrado. Com a expansão de suas fronteiras agrícolas e a utilização de novas tecnologias, o Brasil, segundo Norman Bourlag é o país com maior potencial para se tornar o maior exportador de alimentos do mundo.

BOI VERDE

25 a 27 de março, em Bagé, RS. O Sindicato Rural de Bagé irá promover o 2º Seminário do Boi Verde do Cone Sul com o objetivo de promover a difusão, discussão e aplicação de tecnologia de produção de carne bovina de qualidade, de acordo com os padrões exigidos pelo mercado interno e externo. Palestras, visitas técnicas e o Concurso Estadual de Carcaças farão parte da programação. www.ruralbage.com.br (53) 242-5262

LEILÃO OB

27 de março, na Fazenda São José, em Tapiratiba, SP, o criador Olavo Barbosa, maior produtor brasileiro de leite do país, põe a leilão 350 novilhas amojando (HPB-PC-PO-TE e Girolando), todas com inseminação artificial realizada na própria fazenda. www.leitefazenda.com.br (35) 3551-2800 e (19) 3657-1482

EXPOGRANDE

31 de março a 11 de abril, 66ª Expogrande, no Parque de Exposições Laucídio Coelho, em Campo Grande, MS. Para este ano estão previstos 57 leilões, com 25 mil animais comercializados, 1.400 expositores de animais – 18 raças bovinas e 4 eqüinas, R\$ 120 milhões em negócios, 11 shows musicais, três rodeios e público de 420 mil pessoas. www.expogrande.com.br (67) 342-2201

PRODUÇÃO INTENSIVA

06 de abril, em São Carlos, SP, a Embrapa Pecuária Sudeste realiza dia-de-campo e visita técnica para apresentar o Sistema de Produção Intensiva de Bovinos de Carne e Leite, baseado no uso do pastejo rotacionado. Os interessados devem se inscrever com antecedência. (16) 261-5611 e 261-5754

EXPO LONDRINA

7 a 18 de abril, em Londrina, PR. Como nas edições anteriores, a

Agribusiness

O Ministério da Agricultura, a BM&F e a ABAG realizam no dia 07 de abril o seminário "Perspectivas para o agribusiness em 2004/05", em São Paulo, SP (Hotel Meliá Mofarrej - Alameda Santos 1437). No programa, palestras com os temas "Desafios da Política Agrícola Brasileira e Perspectivas da Agricultura Americana e Mundial" e

painéis sobre os mercados de milho, suínos, aves, arroz, café algodão, sucroalcooleiro, pecuária de corte e de leite, trigo e soja. Estarão presentes os ministros da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luis Fernando Furlan, além de especialistas dos diferentes setores abordados. www.bmf.com.br

Sociedade Rural do Paraná, promotora do evento, irá estabelecer parcerias com instituições financeiras para estimular os negócios na feira. Os visitantes irão dispor de linhas especiais de crédito para financiar a compra de animais, máquinas, implementos agrícolas e insumos. www.ruralbage.com.br (43) 3338-5080

TECNOLÁCTEA

13 a 15 de abril, 2ª Feira Técnica Internacional de Produtos para a Indústria de Leite e Derivados, no Centro de Convenções de Goiânia, GO. Empresas expositoras apresentarão seus novos produtos, equipamentos e serviços para a indústria láctea. Como evento paralelo será realizado o 1º Congresso Internacional de Laticínios, com palestras e mesas-redondas sobre novas tecnologias para produção, controle, conservação e transporte do leite. www.dipemar.com.br (11) 3885-4265

AGRISHOW CERRADO

13 a 17 de abril, em Rondonópolis, MT. Feira de negócios com máquinas, equipamentos e serviços voltados ao agronegócio. Dinâmica de máquinas com demonstrações diárias em área de 70 hectares plantadas com soja, milho, arroz, algodão e girassol. Painéis de debate com temas sobre logística de transporte, política agrícola e inovações tecnológicas. A edição de 2003 movimentou R\$ 650 milhões. A comercialização dos espaços será centralizada em São Paulo, na sede da Abimaq. www.agrishow.com.br (66) 423-2041

AGRISHOW

26 de abril a 01 de maio, Feira Internacional de Tecnologia Agrícola, no Parque de exposições de Ribeirão Preto. Considerada o termômetro do agronegócio brasileiro, a Agrishow Ribeirão é uma das três maiores feiras agrícolas do mundo. Novidades em equipamentos, tecnologias e cultivares, com demonstrações de campo. A Agrishow Pastagem e Fenação, espaço reservado para a pecuária, duplicou sua área e número de expositores. www.agrishow.com.br (11) 5582-6421

EXPOZEBU

29 de abril a 10 de maio, 70ª Exposição Internacional de Gado Zebu, em Uberaba, MG. Exposição dos principais rebanhos zebuínos do país, dos centros de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico, das empresas rurais, de biotecnologia, nutrição, moda, alimentos, além de instituições financeiras e públicas e de concessionárias de veículos, entre outros segmentos. Realização de aproximadamente 40 leilões de elite, com mais de 1.500 lotes colocados a venda. www.expozebu.com.br (34) 3319-3900

OIE

Entre os dias 23 e 28 de maio ocorre a 72ª Reunião Geral o Comitê Internacional da Organização Internacional de Epizootias, em Paris, França.